

CULTURA MÍDIÁTICA E EDUCAÇÃO: PROMOVER O CONCEITO DA EDUCOMUNICAÇÃO COMO MEDIADORA DE CONFLITOS

José Carlos Patrício de Araújo¹
Leonardo Pereira Tavares²
Assis Souza de Moura³

RESUMO

Neste artigo, busca-se analisar o processo que a cultura midiática influenciou desde sua origem até os dias atuais nos modelos de ensino e aprendizagem, mas também, o termo Educomunicação em seu amplo conceito e aspectos sobre a cibercultura e os métodos educacionais, destacando a importância da gestão dos ecossistemas comunicacionais por educadores e as intervenções educacionais como um método de mediação dos conflitos que são gerados pela disputa por espaço entre a tecnologia e a educação. Vale ressaltar também que, este estudo é baseado na ideia de ensino participativo, ou seja, o aluno como protagonista e criador do seu próprio saber, assim como, mediador desses conflitos entre mídia e ensino, dessa forma, para a Educomunicação, o estudante desenvolve a capacidade intelectual de um indivíduo crítico diante dos problemas que são enfrentados por ele dentro e fora da sala de aula, ao contrário do ensino tradicional que tem como objetivo a formação técnica, mecanizada e automática. A partir disto, este trabalho vai percorrer estes pontos e aprofundar-se no debate sobre os problemas gerados pelos meios de informação nessa era globalizada.

Palavras-chave: Cultura Midiática, Ensino, Educomunicação, Ecossistemas Comunicacionais e Gestão da Comunicação.

INTRODUÇÃO:

Referimos a cultura midiática todo o conjunto de processos e termos que fazem parte de uma grande comunidade que está situada em um espaço cibernético, ou melhor, o ciberespaço, nesses locais virtuais, existem valores, linguagens, costumes, ideologias e próprias, comumente chamada de cibercultura, estes termos ficaram bem consolidados com os trabalhos de Pierre Lévy.

¹ Graduando pelo Curso de Comunicação Social com Habilitação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, carlos1998araujo22@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Comunicação Social com Habilitação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, leonardoptavares@outlook.com;

³ Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, souassisgba@gmail.com.

Dividimos, atualmente, dois tipos de geração da humanidade, as que nasceram antes da internet e outra posterior a essa invenção, a primeira classe de pessoas está localizada os nossos pais, avós e até alguns de nós, no outro grupo estão neles a nova geração, ou como conhecemos cientificamente os nativos digitais, aqueles que desde que nasceram convivem com o advento da tecnologia.

Grande parte destes termos, conceitos e comunidades só foram possíveis graças aos avanços tecnológicos que as revoluções industriais e a da internet possibilitaram, porém, consideramos que a globalização e suas decorrências permitiram esse mundo conectado em tempo real e essa rápida distribuição e produção de informação, mas, quais são os resultados dessa globalização sobre a formação de novas identidades? Ou, até mesmo, sobre a formação dessas pessoas que nasceram nesse mundo virtual?

Dessa forma, entendemos que a globalização, o ciberespaço e a cibercultura, modificaram também a forma de ensinar e conseqüentemente a forma de aprendizado, mas será que a tecnologia pode ser educativa? Nesta pesquisa buscaremos analisar as formas com que a mídia se comporta diante da nova cultura digital a qual estamos inseridos, de tal modo, a influência e suas interferências no ensino, formal ou informal.

Para isto, utilizaremos como base os estudos sobre mídia e cultura midiática Pierre Lévy (1999), Zygmunt Bauman (1997) e José Luiz Braga (2006), e para leitura complementar sobre consumo de mídia Cristina Costa (2005), Maria Graça Setton (2011) e Pedrinho Guareschi (2008), referindo se a educação e ensino utilizaremos os argumentos do patrono do ensino no Brasil, o consagrado Paulo Freire (1968), ainda utilizaremos a base teoria de um campo de inter-relação entre educação e comunicação, a educomunicação, e os estudos sobre tal tema são os de Ligia Almeida (2017) e Ismar Soares (2011, 2014).

Se tratando da metodologia, a pesquisa caracteriza-se por estar inserida em uma abordagem qualitativa a respeito do objetivo de estudo deste artigo, de natureza simples, pois nossa finalidade foi obter resultados não a partir de estatísticas, mas, sim, através da análise e compreensão de trabalhos bibliográficos já produzidos por autores conceituados nessa área.

CULTURA MÍDIÁTICA E EDUCAÇÃO:

Entendemos a comunicação como uma consequência do desenvolvimento da espécie humana, mas, a mídia que produzimos e consumismo nasceu das revoluções industrial e em

seguida a globalização e as suas tecnologias como a internet. A prensa de Gutenberg, desenvolvida no século XVI, assim como, a invenção da fotografia, no século XIX. Revolucionaram a forma de se produzir mídia e informação, essa tecnologia foi por anos a forma mais eficaz de fazer comunicação.

Posteriormente, com o apogeu do rádio, na década de 20, a consolidação da TV como uma plataforma revolucionara, nos anos 40, e a internet no fim do século passado, aconteceu um desenvolvimento e um bombardeamento de em uma quantidade jamais presenciadas em toda a história de informações e tecnologias, fazendo com que a ideia de um mundo interligado e igualitário fosse cada vez mais possível.

Durante a evolução das novas formas de comunicação e interatividade, em espaços de convívio na internet, surgiram incontáveis termos para denominarem essas comunidades virtuais, que Pierre Lévy denomina Ciberespaço, uma rede de computadores que são ligados entre eles, além disso, esse termo pode ser levado em consideração as próprias memórias desses aparelhos, ainda segundo Lévy o conjunto de atitudes, comportamento, linguagem, valores e pensamentos, desenvolvidos nesses ambientes é denominado Cibercultura (LÉVY, 1999, p. 45-76).

A definição de Cibercultura de Pierre Lévy, sugere que em durante tal processo ocorra a criação de uma inteligência coletiva entre os participantes dessas comunidades de socialização virtual, e, para Maria da Graça Setton essa sociabilização permitida pelos meios de comunicação se admitem como uma educação informal, pois, para que haja uma continuidade da cultura midiática ele deve formar novos consumidores e modificar os padrões de consumo de informação e de educação, nossa pesquisa busca justamente o elucidação dessa axioma (LÉVY, 1999, p. 45-76).

Para Massarolo e Mesquita “as redes móveis de telecomunicações se desenvolvem ao redor das pessoas e das coisas, e os serviços de aplicativos se integraram definitivamente aos dispositivos móveis (Smartphones e Tablets, entre outros)”, contudo, “[...] a web 2.0 de caráter participativo, colaborativo e descentralizado, transformou os antigos leitores ‘passivos’ de conteúdo gerado pelos grandes conglomerados de mídia em novos produtores de conteúdos [...]” (MASSAROLO e MESQUITA, 2013, p. 35).

Segundo Lévy (1999, p. 45-76) o processo de desenvolvimento das redes sociais, não tornaram virtuais as informações, mas também todas as relações, principalmente os modelos de ensino, segundo Setton (2011, p. 24) “o aprendizado das gerações atuais se realiza pela

articulação dos ensinamentos das instituições tradicionais da educação – família e escola (entre outras) com os ensinamentos das mensagens, recursos e linguagens midiáticos”.

Segundo Setton (2011, p. 14) “A socialização compreendida como um processo educativo que busca transmissão, negociação e apropriação de uma serie de saberes que ajudam na manutenção e ou transformação dos grupos e das sociedades”, quando Setton fala sobre negociação, ele se refere aos padrões dos estudos de recepção, que considera o receptor, não apenas passivo no processo educativo, mas ele age de forma ativa na construção do aprendizado, assim como, no seu consumo e relacionamento com as mídias, como afirma Braga (2006, p. 22) que nos primeiros estudos sobre mídia e a educação, a primeira sempre fez o papel de “ativo” e sobrando para a segunda uma visão de processo passivo, porém, Braga, analisa e constata que não há comunicação sem educação, comunicar é educar, e o próprio artifício de educar gera o processo de comunicação, portanto, uma está relacionada diretamente com a outra.

Entretanto, como explica Guareschi (2008, p. 136) os meios de informação, sempre tendem a criar uma realidade, com o falso discurso de imparcialidade, tornando assim as crianças e adolescentes as principais vítimas dessa realidade fictícia, esse poder que a mídia possui interfere no subconsciente das pessoas, agindo como uma formadora de opinião e controladora das massas, isso pode ocorrer de forma mais presente na formação intelectual da criança nos primeiros anos devido a sua pouca capacidade de diferenciar o fictício e da realidade.

Para Bauman a tecnologia se comporta como uma ditadora, colocando-a em primeiro plano e os interesses humanos em um segundo patamar, contudo, conseguimos perceber que o mundo da conectividade busca a sua própria sobrevivência e exclui aqueles que possuem necessidades e pensamentos contrários a ela.

A única totalidade. Que a tecnologia sistematicamente constrói, reproduz e torna invulnerável, é a totalidade da própria tecnologia – sistema fechado, que em seu seio não tolera nenhum corpo estranho e zelosamente devora e assimila tudo o que cai no solo da sua passagem. A tecnologia é o único genuíno indivíduo. Sua soberania só pode ser indivisível e sem exceções. Com a maior das certezas os humanos não se excetua (BAUMAN, 1997, p. 223).

Ainda segundo BAUMAN,

[..] a tecnologia tornou-se sistema fechado: ela postula o resto do mundo como "ambiente" - como uma fonte de alimento, de matéria-prima para tratamento tecnológico, ou como o entulho para os resíduos (que se esperam recicláveis) daquele tratamento; e define suas próprias desventuras e ações falhas como efeitos de sua própria insuficiência, e os "problemas" resultantes como exigências para dar mais de si mesma: quanto mais "problemas" gera a tecnologia, tanto mais de tecnologia se precisa (BAUMAN, 1997, p. 213-253).

A partir dessa análise feita por BAUMAN podemos concluir que a tecnologia, neste caso as mídias, são um sistema fechado aos interesses das massas, tornando-as única fonte de verdade e conhecimento, se aproveitando dessa realidade como forma de controlar os indivíduos através dos grandes meios de comunicação, lembrando dessa forma os conceitos da ética de Max Black em uma perspectiva da revolução tecnológica (BAUMAN, 1997, p. 213-253).

Em contraposição a inquietação de Zygmunt Bauman, Pierre Lévy acredita que sim a tecnologia causa uma desorientação e um sentimento de flutuação, nas suas próprias palavras e de certa forma devemos buscar soluções e meios de solucionar nossos problemas aproveitando o que a tecnologia, a internet e os meios de comunicação nos oferecem. Lévy se impõe sobre as novas forma de aprendizado dentro da cibercultura, para ele atualmente não se deve pensar em educação sem a inclusão dos termos ciberespaço e cibercultura, Pierre concorda que ela pode sim gerar conflitos dentro e fora dessas comunidades, porem isso faz parte do desenvolvimento humano, e, portanto, é uma consequência natural da evolução, tanto social, como cultural e pessoal (LÉVY, 1999, p. 45-76).

Paulo Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação*, faz uma afirmação sobre os objetivos da educação,

A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham (FREIRE, 1983, p. 44-51).

O posicionamento de Paulo Freire é fundamental neste trabalho, pois como ele próprio afirma, o sujeito, dever ser educado para se desprender da realidade que lhe aprisiona, a educação tem que ser libertadora e assim torná-los pessoas críticas, este estudo busca entender

de forma objetiva a qualidade da educação que os meios de comunicação estão oferecendo as massas (FREIRE, 1983, p. 44-51).

Paulo Freire afirma que a educação nunca se comporta como uma atividade “neutra, ‘indiferente’ a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser”, entretanto, é importante ressaltar que “é um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades” (FREIRE, 1983, p. 44-51).

Se considerarmos que toda mensagem transmitida pelos meios comunicacionais pode ser absorvida de forma crítica, assim como, podem ser utilizadas como forma de manipulação das massas, modificando de forma autoritária a realidade através da divulgação de informações de modo “imparcial” com desígnio de repassar ideologias controversas a veracidade.

CULTURA MÍDIÁTICA E EDUCAÇÃO: PROMOVER O CONCEITO DA EDUCOMUNICAÇÃO COMO MEDIADORA DE CONFLITOS

Todas essas questões interferem no atual sistema educacional, devido ao padrão de ensino que atualmente é utilizado pelas escolas do Brasil, destaco aqui dois principais pontos, a primeira refere-se a o modelo de educação que está obsoleto e o segundo é sobre os meios de comunicação que funcionam como uma instituição de ensino informal.

A maioria das instituições de educação formal utilizam o sistema educacional de tempos que antecedem a revolução tecnológica, eles consistem em padrões que colocam o receptor do conhecimento, neste caso o aluno, como um ser passivo no seu processo de aprendizado, sendo o professor aquele que detém todo o saber, além desse modelo ultrapassado, coloca o aluno como insignificante no processo de aquisição de sabedoria, ao contrário do que a tecnologia pode permitir, ou seja, que ele possua a capacidade de ser ator de suas próprias produções, mas também esse padrão retrogrado sobrecarrega o professor com toda a responsabilidade do ensino e cria sobre ele uma imagem de ditador dentro da sala, Pierre Lévy em seu trabalho mais renomado, intitulado de “Cibercultura”, nele faz-se uma análise sobre as novas formas de ensino e aprendizagem com a perspectiva dessas comunidades dentro da relação educação e novas formas de se adquirir conhecimento, mas

também, os novos métodos e o incentivo a criação de novos contextos escolares e a difusão do ensino informal abarcado no formal (LÉVY, 1999, p. 45-76).

Os meios de comunicação, na atual conjuntura da sociedade tecnológica, permitem que eles atuem como educadores, contudo, os espaços responsáveis pela educação formal, as escolas, universidades e demais instituições caracterizam estes como um sistema de ensino informal, como se todo o tipo de conhecimento que circula e é produzido por eles não possam fazer parte do aprendizado do aluno, pois para boa parte desses, consideram esse saber insignificante e o excluem da formação do estudante.

Diariamente conseguimos perceber que a relação entre ensino e tecnologias estão tentando caminha em concordância, buscando sempre novos métodos de interação entre ambas as áreas, uma das áreas de pesquisa que estuda essa relação é a Educomunicação, para Ligia Almeida “Educomunicação é um campo de conhecimento com identidade própria, que surge no espaço comum entre os campos da comunicação e da educação, em que eles se entrecruzam, sobrepondo-se” (ALMEIDA, 2017, p.1).

Fomos condicionados a pensar que ensino e mídia não podem interagir, entretanto, estudos com finalidades educacionais estão sendo produzidos sobre os benefícios dessa relação, pois como afirma Ligia Almeida

A mídia no Brasil é considerada uma instância de educação informal. A maior parte dos produtos midiáticos é voltada ao entretenimento, contudo, mesmo não tendo a intenção de educar, a comunicação midiática contribui para a educação da população tanto quanto os produtos jornalísticos que, ao fornecerem informação seletiva sobre os fatos, são determinantes para que as pessoas construam sua visão de mundo (ALMEIDA, 2017, p.2).

Portanto, entendemos, as configurações que se desenvolveram entorno da construção dos modelos de mídia do país, que se transformaram em produtos de puro intuito do entretenimento, logo, as relações que poderiam ser estabelecidas entre educação e meios de comunicação, se tornaram neste sentido inviáveis, distanciando o ensino da mídia e fazendo com que a população excluísse a possibilidade de torna-las ferramentas de transmissão de conhecimento (ALMEIDA, 2017, p.3).

Para isto, precisamos definir o que é Educomunicação de forma mais profunda, Soares define ela como sendo um efeito social que luta travado contra os grandes meios de massa, assim como explica Almeida

No século XX, o avanço da tecnologia provocou sucessivas mudanças no sistema de comunicação social: surgiram publicações impressas periódicas, como o jornal e a revista. Na sequência, vieram as mídias eletrônicas de massa: o cinema, o rádio, a TV e as digitais, em suportes diversos como computadores e plataformas móveis. Conforme surgiram, foram se infiltrando no cotidiano social. O problema é que elas não só questionavam a ordem e os valores morais existentes, mas também os conceitos vigentes de cultura e de arte eruditas, provocando abalos nas crenças familiares e sociais e motivando discussões sobre a qualidade da sua contribuição para a sociedade (ALMEIDA, 2017, p.2).

A Educomunicação se divide em 7 áreas de intervenção social, são elas 1) Epistemologia da Educomunicação, 2) Produção Midiática, 3) Educação para a Comunicação, 4) Pedagogia da Comunicação, 5) Mediação Tecnológica na Educação, 6) Expressão através das Artes e 7) Gestão da comunicação.

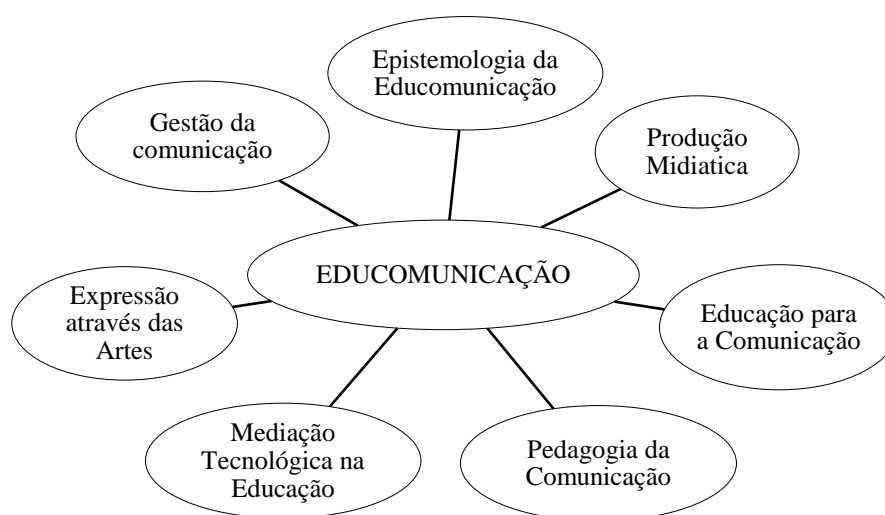


Figura 1 Produção do autor

O campo de relação entre a educação e a comunicação, a educomunicação” nasce da necessidade de buscar solucionar conflitos que surgem envolvendo essas duas áreas, utilizando de metodologias próprias ela busca a solução destes problemas dentro dos ecossistemas comunicativos, este termo é uma referência ao ecossistema da biologia, uma rede de indivíduos interligados por um mesmo motivo.

Através das intervenções educacionais, que é uma metodologia própria da educomunicação, nas quais o ato de intervir está ligado à constatação de: exploração humana,

conflitos, irregularidades, opressão, precário aproveitamento da capacidade dos indivíduos de construir conhecimento e de atuarem como protagonistas de sua própria realidade, além da supressão dos direitos básicos, principalmente, do direito à informação e à comunicação.

AS 7 ÁREAS DA EDUCOMUNICAÇÃO E SUAS METODOLOGIAS DE EDUCAÇÃO

Este estudo busca apresentar as possibilidades de cada área de intervenção como facilitadora do processo de educação, logo mais destacaremos estes pontos em cada uma das 7 áreas.

1) A **Epistemologia da Educomunicação** nesta área de intervenção analisa-se a origem, a natureza e a validade do conhecimento sobre educomunicação para a sociedade, assim como, o aprimoramento dos métodos e metodologias utilizados nas intervenções educacionais.

2) A **Produção Midiática em Educomunicação**, ao contrário dos meios de massa, busca a qualidade do produto educativo ao invés da finalidade do entretenimento, utilize recursos impressos, visuais, áudios e demais recursos midiáticos para produzir o produto que seja mediador do ensino, seja dentro ou fora da sala de aula.

3) **Educação para a Comunicação**, para Almeida “o objeto de pesquisa é a comunicação, entenda-se aqui tanto a comunicação direta quanto a comunicação mediada, em que emissor e receptor não estão fisicamente no mesmo local” (ALMEIDA, 2017, p.18). Segundo Ismar Soares reúne “práticas voltadas a sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação – media education, educación en médios – educação midiática” (SOARES, 2014, p. 138),.

4) A **Pedagogia da Comunicação**, consiste em promover a construção de conhecimento por meio da comunicação dialógica e da afinidade entre as pessoas, no entanto, as formas que a educomunicação oferece é a de apaziguadora dos conflitos entre ensino e mídia.

5) **Mediação Tecnológica na Educação** dirige-se à inclusão das tecnologias da informação e da comunicação nos processos educacionais, de forma a expandir e multiplicar as oportunidades de aprendizagem, Soares afirma que “Esta área aproxima-se das práticas relacionadas ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sempre que

entendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos” (SOARES, 2011, p. 48).

6) **Expressão através das Artes**, “é importante ressaltar que o objetivo da área de intervenção de comunicação através das artes não tem a ver com o ensino de conteúdos curriculares de arte (ALMEIDA, 2017, p.27). Para Soares o que interessa aqui é a utilização da linguagem artística para a interação entre seres humanos com a finalidade da educação social (SOARES, 2014, p.138).

7) **Gestão da Comunicação** sendo a área da Educomunicação central, aquela que da origem e direciona as demais, consiste na gestão dos processos comunicacionais dentro dos ecossistemas educacionais, seu papel é de mediador dos conflitos que são gerados nesse meio,

Há grandes desafios na gestão educacional da comunicação. Um deles é o fomento à manutenção, nos ecossistemas, de princípios como: solidariedade, tolerância, cooperação, igualdade, comprometimento, ética, respeito, gentileza, entre outros. Outro é obter a inclusão de todos os envolvidos (ALMEIDA, 2017, p.31).

O que pode se configurar como sendo gestão educacional são os valores que amparam os relacionamentos e orientam os processos nos ecossistemas. Os procedimentos de comunicação e o modelo como os envolvidos neles se submergem são fundamentais, cabendo ao gestor capacitar os participantes.

Levando em consideração o que já foi apresentado até este momento, percebemos o potencial que a Educomunicação possui dentro dos ecossistemas comunicativos, principalmente dentro dos espaços virtuais como o ciberespaço, nele, as relações entre Educação e Comunicação são mais intrincadas e são mais passíveis de conflitos, devido ao grande número de usuários de diferentes culturas convivendo dentro do mesmo ambiente virtual, dessa forma, a Educomunicação interage com os usuários não de forma incisiva, mas, como parte daquele processo, gerando assim melhores resultados. Para Fauré "deve proporcionar ao homem a consciência do seu lugar na sociedade, fazer-lhe compreender que pode e deve participar democraticamente na vida da coletividade e que, desta forma, é possível melhorar ou piorar a sociedade" (FAURÉ, 1973, p. 126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Se tratando de Educomunicação, conseguimos perceber neste trabalho, o potencial de mediação dos conflitos nas instituições de ensino formal ou informais, envolvendo educação e meios de informação, neste campo, as metodologias de pesquisa e estudo são sempre voltadas para o diálogo, o educador, no seu objetivo principal de mediador de tais desordem dentro dos ecossistemas comunicacionais é o de promover a fluidez do convívio e a harmonia entre as partes deste sistema na qual ele é imerso para conseguir desenvolver seu trabalho.

Comunicar gera inevitavelmente um processo de educação e para que um indivíduo seja educado é preciso que haja a comunicação, portanto, a educomunicação não deve ser pensada como um elemento externo aos problemas que são recorrentes dos conflitos de ambos os campos, sendo fundamental o entendimento dela como parte e consequência da interrelação do ensino e da mídia, do sistema educacional e dos meios de comunicação, um todo que não pode ser entendido como indivisível.

As metodologias que são expostas pela Educomunicação visam em primeiro lugar o bem-estar social dos indivíduos dentro dos processos da comunicação de massa, ou seja, a consciência crítica a partir do que lhe é exposto como verdade pela mídia, o direito a dúvida e ao questionamento são fundamentais nas metodologias educacionais.

Em suma, o campo de relação entre educação e comunicação, busca o protagonismo do aluno ou demais classes como protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, não apenas como mero receptor do conteúdo que lhe é apresentado pelo professor, como uma peça passiva dentro desse “jogo”, mas, a partir da Educomunicação ele começa a fazer parte de um sistema educacional que o torna produtor ativo na aquisição do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Disponível em: https://www.academia.edu/31480161/Projetos_de_interven%C3%A7%C3%A3o_em_educomunica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 07 de julho de 2019.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: discursos sociais de crítica midiática** / José Luiz Braga. São Paulo: Paulus, 2016.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução a ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2005.

FAURÉ, E. et al. **Aprender a ser. La educación del futuro.** Madrid: Alianza Editorial, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GUARESCHI, Pedrinho. **A sociologia crítica: alternativas de mudança.** Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura,** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MASSAROLO, J. C.; MESQUITA, D. **Narrativa transmitia e a educação: panorama e perspectivas.** Revista Ensino Superior Unicamp, p. 33-42, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação.** Comunicação & Educação, Brasil, v. 19, n. 2, p. 15-26, set. 2014a.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação.** São Paulo: Contexto, 2011.